



O homem parentético de Guerreiro Ramos e a prática sustentável

Soraia Schutel

Faculdade Antonio Meneghetti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – soraiaschutel@libero.it

Eixo Temático: Humanismo & Complexidade

Resumo: A sustentabilidade e suas dimensões constituintes tem sido tema relevante de pesquisas realizadas nas últimas décadas (CMMAD, 1991; RATTNER, 1999; SACHS, 2007). No entanto, percebe-se que o fator humano como uma das dimensões da sustentabilidade ainda foi pouco explorado e, é nesta direção que este ensaio pretende contribuir. Para tanto, explora-se as contribuições de Guerreiro Ramos (1989), em especial o conceito de homem parentético com o objetivo de elucidar esta dimensão à prática da sustentabilidade. Este ensaio leva a concluir que um novo modelo de homem, centrado na auto-realização, na atuação plena de suas potencialidades, com atitude parentética, seja capaz de atuar integralmente a sustentabilidade.

Palavras-chave: homem parentético; Guerreiro Ramos; sustentabilidade.

The Guerreiro Ramos parenthetical man and the sustainable practice

Abstract: Sustainability and its dimensions has been a relevant theme of researches realized on the last decades (CMMAD, 1991; RATTNER, 1999; SACHS, 2007). However, it seems that human being is not considered as one of the dimensions of sustainability, and that's on this direction that this article intends to contribute. For this purpose, the contributions of Guerreiro Ramos (1989), specially his concept of parenthetical man, are studied aiming to elucidate the human dimension to the practice of sustainability. This article conduces to conclude that a new model of man, centered on self-fulfillment, on acting his full potentialities, with parenthetical attitude, can be able to act integrally sustainability.

Keywords: parenthetical man; Guerreiro Ramos; sustainability.

1 Introdução

Guerreiro Ramos (1989), sociólogo brasileiro, na década de 1980 já apontava os problemas naturais decorrentes da exploração do modelo econômico vigente; um visionário ao analisar há mais de três décadas as problemáticas socioambientais que atualmente estão no centro de diversas discussões internacionais em âmbito acadêmico, político e econômico. Além de sua análise de vanguarda acerca das relações sociais, Guerreiro Ramos propõe uma nova ciência social e das organizações centrada num novo modelo de homem, o homem parentético, indicando um modelo humanista de pensar e agir a sociedade.

As proposições de Guerreiro Ramos na área das ciências sociais e, em especial das organizações, podem contribuir profundamente ao debate da sustentabilidade, trazendo uma nova perspectiva e conduzindo a novas compreensões sobre o tema. Este autor, visando buscar formas alternativas de sociedade e de organização, centra na racionalidade substantiva,



como alternativa à racionalidade instrumental, em um novo modelo de homem e em um novo método de compreensão social: a redução sociológica.

Uma das contribuições do sociólogo Guerreiro Ramos à teoria organizacional é que efetua a indagação das problemáticas sociais a partir da concepção de homem parentético, o agente da nova organização. O homem parentético de Guerreiro Ramos examina a vida social como um espectador, buscando abster-se de juízos, separando-se de circunstâncias internas e externas para poder ampliar sua compreensão do meio social e organizacional (GUERREIRO RAMOS, 2001). Além desta capacidade de observador externo ao objeto analisado, o homem parentético centra-se nas características de autorrealização, desenvolvimento pleno de suas capacidades, sendo capaz de abster-se das influências da racionalidade instrumental do mercado que tende a predominar sobre as relações humanas. Portanto, o homem parentético é o homem que atua integralmente as dimensões humanas, não estando limitado à visão unilateral de homem econômico.

É esta a visão de homem que permeia a proposta deste ensaio o qual pretende, a partir da contribuição do modelo de homem parentético de Guerreiro Ramos, acrescentar um outro olhar às multidensões da sustentabilidade de modo a contribuir com essas, quais sejam: econômica, social, cultural, política, territorial, ambiental (SACHS, 2007). Portanto, o modelo de homem parentético das organizações passa a ser uma das dimensões da sustentabilidade. Propõe-se, neste sentido, uma reflexão sobre a temática sustentabilidade a partir de um novo modelo de homem para a prática sustentável, ou seja, aquela da redução sociológica de Guerreiro Ramos e seu modelo ainda vanguardista de homem parentético. Portanto, este ensaio vai além da reflexão acerca da sustentabilidade em si, pois considera o modelo de homem que age a sustentabilidade, aportando valores humanistas à sociedade.

Ao aportar as contribuições do sociólogo brasileiro à temática da sustentabilidade pode-se ainda conduzir ao entendimento de que as problemáticas sociais nacionais podem ser compreendidas e resolvidas pela produção intelectual brasileira, sendo esta uma das constituições da redução sociológica de Guerreiro Ramos: o cientista social deve estar engajado com sua realidade social, conhecendo sua realidade e comprometido com ela.



2 O homem parentético de Guerreiro Ramos

Alberto Guerreiro Ramos descrevia na década de 1980 as problemáticas tão discutidas atualmente como os temas relacionados à predominância do mercado sobre a pessoa humana, a degradação ambiental e a necessidade de se construir o bem-estar humano sobre este planeta, temas estes centrais nos debates da sustentabilidade. Para Guerreiro Ramos, “os resultados atuais da modernização, tais como a insegurança psicológica, a degradação da qualidade de vida, a poluição, o desperdício à exaustão dos limitados recursos do planeta mal disfarçam o caráter enganador das sociedades contemporâneas” (1989, p. 22). Segundo o autor (1989), o mercado tende a transformar-se na força modeladora da sociedade, organizando a existência humana.

Guerreiro Ramos denunciava os efeitos da racionalidade predadora do mercado num período que a sustentabilidade não era tema central de debates e das preocupações sociais. No prefácio de sua obra “A nova ciência das organizações”¹ apresenta seu desconforto com a ciência social e administrativa, denunciando que esta ciência “nada mais é do que uma ideologia legitimadora da sociedade centrada no mercado” (GUERREIRO RAMOS, 1989, XV).

E, além de denunciar aquilo que evidenciava das relações autofágicas sociais, o “guerreiro” Ramos aponta à possível solução das práticas organizacionais formulando uma teoria fundamentada em um novo modelo de homem, e um novo método de análise e compreensão social, propondo sua substituição por uma nova ciência, nova porque sua tradução é ignorada nos meios acadêmicos tipicamente modernos. Sua análise permite propor um modelo do futuro. Segundo o autor,

Esta é uma revolução silenciosa que, embora não faça manchetes na imprensa, constitui, na perspectiva deste livro, a história do futuro, isto é, a práxis de emergente modelo de relações entre os indivíduos, e entre estes e a natureza. Em outras palavras, este modelo restaura o que a sociedade centrada no mercado deformou ou, em parte, destruiu: os elementos permanentes da vida humana (GUERREIRO RAMOS, 1989, XVI).

Preocupa-se o autor em propor uma nova ciência das organizações do futuro que inclua a práxis das relações entre indivíduos e o ambiente, preconizando que no centro desta



nova proposta residem os elementos do humanismo que são restituídos ao meio social. Para tanto, é necessário o surgimento de uma nova racionalidade voltada aos aspectos integrais do homem, sejam estes sociais ou psíquicos. Conforme Guerreiro Ramos (1989), a racionalidade funcional, que regula as relações econômicas, deva ser substituída pela racionalidade substantiva.

A racionalidade substantiva sustenta que o lugar adequado à razão é a psique humana. Nessa conformidade, a psique humana deve ser considerada o ponto de referência para a ordenação da vida social, tanto quanto para a conceituação da ciência social em geral, da qual o estudo sistemático da organização constitui domínio particular (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 23).

Ao sugerir o modelo futuro de sociedade humana, Guerreiro Ramos propõe uma atitude metódica, marcante em sua trajetória intelectual, que permitira a compreensão e transformação do meio social e organizacional: a redução sociológica. Falar em redução sociológica é procurar compreender o âmago de questões que são pertinentes hoje ao mundo organizacional. Portanto, “no domínio restrito da sociologia, a redução é uma atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social” (GUERREIRO RAMOS, 1996, p. 81).

De acordo com o autor, o tríplice sentido da redução sociológica pode ser compreendido por: “a) atitude imprescindível à assimilação crítica da ciência e da cultura importadas; b) adestramento cultural sistemático necessário para habilitar o indivíduo a resistir à massificação de sua conduta às pressões sociais organizadas; c) superação da ciência social nos moldes institucionais e universitários em que se encontra” (GUERREIRO RAMOS, 1989, XVI).

O primeiro sentido da redução sociológica é amplamente abordado pelo autor, ao referir-se que o cientista social deva estar engajado com sua realidade social, conhecendo-a e sendo comprometido com ela. Segundo Guerreiro Ramos (1996, p.112) “nos países periféricos, a idéia e a prática da redução sociológica somente podem ocorrer ao cientista social que tenha adotado sistematicamente uma posição de engajamento ou de compromisso consciente com o seu contexto”. Para o autor, o cientista social não deve copiar e aplicar os estudos estrangeiros sem adaptá-los ao contexto histórico-social de sua realidade (ibid.). “Redução é precisamente o contrário de repetição” (ibid., 1996, p. 130).

¹ GUERREIRO RAMOS, A. A nova ciência das organizações. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.



Azevedo e Albernaz (2006) contribuem com a compreensão acerca da redução sociológica de Guerreiro Ramos relacionando-o ao método de desalienação do conhecimento:

O método de redução sociológica também pode ser visto como uma autodefesa à produção de um saber alienado – haja vista que ele exige o rebatimento do saber produzido e das experiências e conceitos apropriados externamente -, à realidade social à qual ele se destina a referir. Para Guerreiro Ramos, o conhecer seria assim, porque tal atitude de desalienação é um atributo da própria pessoa; ela tende a tudo personalizar (tornar autenticamente seu), inclusive o saber, e dessa condição de pessoa, o cientista não poderia se furtar, sob justificativa de neutralidade ou qualquer outro valor (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006, p. 4).

No segundo sentido da redução sociológica, Guerreiro Ramos (1989) sugere a categoria de homem parentético. De acordo com Azevedo e Albernaz (2006), Guerreiro Ramos buscou elaborar um novo humanismo, e a categoria de homem parentético surge como personagem central desta função humanística da nova ciência das organizações. A atitude parentética prevista por Guerreiro Ramos é uma qualidade possível àqueles homens que se posicionam ativamente frente às organizações e de modo crítico (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006).

O adjetivo *parentético* de Guerreiro Ramos provém dos estudos realizados a partir do filósofo Husserl acerca da capacidade psicológica do indivíduo desvincular-se de realidades internas e externas, ou seja, de “suspender”, de colocar “entre parênteses” (da onde o termo parentético) a si mesmo, o mundo e a relação deste com o mundo (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006), de forma a perceber, com o afastamento necessário, a situação em que está inserido. Ao proceder de modo parentético o homem teria consciência crítica e

ingressaria num “plano da existência autoconsciente”, autodeterminada, conquistando uma “modalidade superior da existência humana” (GUERREIRO RAMOS, 1996, p.10-11). A atitude parentética, portanto, demarcaria o abandono do plano existencial natural e ingênuo, para selar uma nova fase na condição existencial do homem, uma fase em que ele teria “poder sobre si mesmo e sobre as circunstâncias” (GUERREIRO RAMOS, 1963, p.145), estando apto para promover o seu ajustamento ativo “à sociedade e ao universo” (ibid.) (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006, p. 6).

O homem capaz de fazer *epoché*, de colocar entre parênteses sua análise e a compreensão de si e do mundo é o homem que age a redução sociológica e está apto a atuar a nova ciência proposta por Guerreiro Ramos. O autor reforça a necessidade da atitude crítica para poder conquistar conhecimento e liberdade: “a atitude “crítica” suspende ou põe “entre parênteses” a crença no mundo comum, permitindo ao indivíduo atingir um nível de reflexão conceitual e, portanto, de liberdade” (GUERREIRO RAMOS, 2001, p.7).



Surge, então, a necessidade de um novo modelo de homem no contexto organizacional e social, que coloquem “entre parênteses” a situação em que estão imersos, para compreendê-la e transformá-la, por meio da atitude crítica. Esta atitude no contexto social poderá emergir a partir do modelo de homem parentético, baseado na racionalidade substantiva, proposto por Guerreiro Ramos. Dentre os modelos de homem das organizações apontados pelo autor (2001) – o homem operacional, o homem reativo, o homem parentético – é neste último modelo onde está o resgate daquilo que sempre existiu – a essência humana – mas, que esteve submerso às práticas mercadológicas atuadas de modo autofágico.

Segundo Guerreiro Ramos (2001), a visão do homem operacional, por exemplo, leva a pensar em um recurso organizacional, ou um bem da empresa, que deve ser maximizado como sendo um produto físico mensurável. É uma realidade que vai implicar em efeitos como o de um método autoritário de alocação de recursos, vendo-se o trabalhador como um ser passivo; a ideia de que se deve ajustar o indivíduo para maximizar a produção; a visão do homem motivado tão somente por recompensas materiais; a visão da teoria administrativa como imparcial, isenta ou neutra; o pensamento do trabalho como sendo um adiamento da satisfação; “o ponto de vista de que questões de liberdade pessoal são estranhas ao design organizacional” (GUERREIRO RAMOS, 2001, p. 3 e 4).

Em oposição a esta realidade, o homem parentético de Guerreiro Ramos (2001) é uma proposta capaz de levar a teoria administrativa a enfrentar questões como a tensão entre a racionalidade noética² e a funcional.

O que era apontado por Guerreiro Ramos ainda na década de 1970 mantém-se tão atual que vai orientar, até os dias de hoje, o trabalho de pensadores do campo da Administração, Sociologia e Ciências Políticas. Em Azevedo e Albernaz (2006) percebe-se que a noção de homem parentético foi criada a partir também da trajetória de vida do pensador Guerreiro Ramos que ousou partir da concepção da pessoa humana para formular o conceito de homem parentético. Esta perspectiva prima pela elaboração de um “novo humanismo” que se baseia também em preceitos da noção cristã de pessoa humana, mas

² Noética é termo relativo à noese, que se caracteriza pelo uso da razão. Em Gauer e Gomes (2008), a definição do termo noética pode ser usado para se referir ao estudo das leis fundamentais do pensamento, entre as quais se destacam a identidade e a contradição e refere-se também à atividade intelectual, tendo sido usado por autores de tradição fenomenológica como relativo à noese. A fenomenologia de Husserl recorreu aos termos noese e noema para diferenciar o ato do objetivo visado pelo pensamento: a experiência é composta não apenas pela consciência do seu conteúdo – aspecto noemático – mas também pelo conhecimento tácito, da própria consciência como processo em andamento – aspecto noético (GAUER, GOMES, 2008).



difere-se desta, mantendo, em comum, valores como o de autorrealização. Também pensadores cristãos como São Tomás de Aquino procuravam conciliar os valores da fé com os da razão e dizia que, para mover-se, o indivíduo deveria exteriorizar sua potência em ato.

O modelo de homem parentético de Guerreiro Ramos contempla, assim, as noções de realização pessoal, autorrealização e crescimento pessoal. Para o autor, conforme indicam Azevedo e Albernaz (2006), a presença de tipos parentéticos nas sociedades assinalaria um acréscimo de qualidade de vida (política) e liberdade humana significativo. Além dessa característica do homem parentético (um ser de razão), outra merece destaque especial: o seu incessante empenho na atualização de suas potencialidades humanas. Em síntese: a afirmação do *self*, a liberdade, a autorrealização e o exercício da racionalidade noética se apresentavam como as principais características do homem parentético.

Por meio destes autores compreende-se que, como modelo, o homem parentético teria sua utilidade para as ciências sociais, principalmente, na avaliação do “design” de organizações e sistemas sociais. Além de sua utilidade avaliatória, o modelo de homem guerreiriano também contemplava elementos que poderiam levar os analistas e os planejadores de sistemas sociais a delinearem uma diversidade de novos tipos de organizações, mais voltadas para as necessidades de realização do ser humano. Na visão de Guerreiro Ramos, as ciências sociais e, principalmente, a teoria de organização, deveriam “subordinar-se a uma teoria do desenvolvimento humano”, a qual teria como um dos seus principais pressupostos a noção de “personalidade sadia” (AZEVEDO, ALBERNAZ, 2006, p.10).

Segundo Durante e Teixeira (2008), a noção do homem parentético estaria centrada na urgência de encontrar um significado para a vida. Nas palavras de Guerreiro Ramos (2001), trata-se de alguém que “se compromete eticamente com valores que o conduzem ao primado da razão (no sentido noético), em sua vida social e particular. Em consequência, sua relação com o trabalho e a organização é muito peculiar” (2001, p. 8).

Uma das características relevantes ao homem parentético de Guerreiro Ramos é o conhecimento, que é visto como principal mediador da socialização humana, capaz de requerer demandas e necessidades as quais os sistemas sociais precisariam responder e implicando na configuração dos desenhos organizacionais (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006). Ao buscar um significado para a própria vida, este indivíduo talvez encontre – por



meio do trabalho, da criatividade e da noção de si mesmo como um todo compreendido em sociedade, mas não limitado por ela – a compreensão e a prática de atuar a sustentabilidade.

3 A sustentabilidade e um novo modelo de homem

A sustentabilidade, mesmo ao ocupar posição central no novo paradigma contemporâneo (ALMEIDA, 2002; DIAS, 2006), não encontra modos efetivos para que seja atuada integralmente e multidimensionalmente. Dentre as dimensões da sustentabilidade, parece que a mais privilegiada seria a dimensão econômica. Contudo, considerando a concepção de homem de Guerreiro Ramos (1989) pode-se questionar o modelo de sustentabilidade pautada em interesses unilaterais. As capacidades humanas, conforme este autor seriam um modo de superar as categorias econômicas que passaram historicamente a ser fator dominante da relação do homem consigo e com o ambiente. A racionalidade humana no pensamento guerreiriano está fundamentada na multidimensionalidade, se opondo à lógica unilateral do homem. Para atuar a sustentabilidade é necessário uma visão multilateral e multidimensional, de modo a poder praticar integralmente a sustentabilidade. Portanto, faz-se necessário um novo modelo de homem, capaz de relacionar-se com as diversas dimensões que constituem a vida humana sobre este planeta.

450

O que raramente se questiona nas teorias acerca da sustentabilidade é qual o modelo de homem que é capaz de construir, organizar e desorganizar as organizações de modo que possam corresponder às necessidades sociais do contexto em que operam. Guerreiro Ramos, ao definir os modelos de homem das organizações, propõe o homem parentético como o ente capaz de questionar e refletir criticamente a realidade social, podendo atuar a nova ciência da organização.

Porém, verifica-se a necessidade de pesquisas e debates da sustentabilidade incluírem essa importante discussão acerca da dimensão humana. Pois, cabe ressaltar que, a sustentabilidade emerge na década de 1970, com a preocupação sobre a utilização dos recursos naturais do planeta por parte dos sistemas econômicos e com as condições que se proporcionavam às gerações futuras. Portanto, a vida humana é cerne da preocupação deste tema, conforme se pode constatar no conceito do relatório de Brundtland. Nos anos de 1980 o conceito de desenvolvimento sustentável – “aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (VIEIRA, 2007, p. 10) – é publicado no Relatório de Brundtland, elaborado



pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD) da ONU e, a partir daí, vai se popularizar nos mais diversos âmbitos sociais, em especial a partir da última década.

Três dimensões compõem o conceito: desenvolvimento econômico, proteção ambiental e equidade social (CMMAD, 1991), a seguir explicitadas. Conforme Jacobi (1999):

o desenvolvimento sustentável não se refere especificamente a um problema limitado de adequações ecológicas de um processo social, mas a uma estratégia ou modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto uma viabilidade econômica quanto ecológica. Num sentido abrangente, a noção de desenvolvimento sustentável à necessária redefinição das relações sociedade humana - natureza e portanto, a uma mudança substancial do próprio processo civilizatório (JACOBI, 1999, p. 42).

Evidencia-se, desta forma, que para que sustentabilidade seja uma prática efetiva é mister a redefinição das relações humanas e da relação homem e natureza, conforme também apontado por Guerreiro Ramos.

Os modos atuais de conduzir à eficiência organizacional têm ocasionado prejuízos irremediáveis à sociedade contemporânea e às gerações vindouras. E, por isso talvez, discutir acerca da visão e prática humanista seja uma alternativa à lógica predatória que acarreta em degradação tanto do homem quanto do ambiente. O desenvolvimento sustentável adquire então um novo sentido, estando relacionado ao maior bem do ser humano: a possibilidade de vida e condição digna de existência sobre este planeta, seja das gerações de hoje, que das gerações do futuro.

O desenvolvimento sustentável passou a significar *muito mais do que a conservação intacta do capital físico* que produz um fluxo de renda. A conservação, a substituição e o crescimento do volume de capital, tanto físico quanto humano, constituem, sem dúvida, um aspecto da sustentabilidade. O desgaste físico, a obsolescência técnica e a depreciação do capital humano têm de ser considerados (FERREIRA, 2000, p.142).

Jacobi (1999) centra a problemática dos valores humanos atuais e aponta para a sustentabilidade como critério ético básico.

Existe um desafio essencial a ser enfrentado, e este está centrado na possibilidade que os sistemas de informações e as instituições sociais se tornem facilitadores de um processo que reforce os argumentos para a construção de uma sociedade sustentável, a partir de premissas centradas no exercício de uma cidadania ativa e a mudança de valores individuais e coletivos. Para tanto, é preciso que se criem todas as condições para facilitar o processo, suprindo dados, desenvolvendo e disseminando indicadores e



tornando transparentes os procedimentos através de práticas centradas na educação ambiental que possa garantir os meios de criar novos estilos de vida, desenvolver uma consciência ética que questione o atual modelo de desenvolvimento marcado pelo seu caráter predatório e pelo reforço das desigualdades socioambientais. A sustentabilidade como novo critério básico e integrador precisa estimular permanentemente as responsabilidades éticas, na medida em que a ênfase nos aspectos extra-econômicos serve para reconsiderar os aspectos relacionados com a equidade, a justiça social e a ética dos seres vivos (JACOBI, 1999, p. 43).

Percebe-se, portanto, a necessidade de re-inversão dos valores predominantes atuais, de modo a prevalecer o “ser” ao “ter”. E, tendo em vista que quando se trata do ser se está colocando em pauta o humano, é então fundamental educar a consciência ética, fundada em novos valores visando reintegrar o homem à sua origem para a atuação de suas capacidades integrais. Deste modo poder-se-á desenvolver uma consciência integrada homem e ambiente, construindo, assim, um novo paradigma de sustentabilidade.

Portanto, a sustentabilidade parece possível quando efetuada por um homem que também é cômico de si, de suas limitações, mas principalmente de suas capacidades. A compreensão profunda da natureza humana pode conduzir a novos modos de pensar e agir, em especial em relação à prática sustentável. A tomada de consciência acerca de si mesmo é premissa à prática sustentável. A sustentabilidade, neste sentido, está atrelada ao resgate dos valores humanistas e na construção de um novo modelo de homem. Neste modelo de homem, aportam-se as contribuições de Guerreiro Ramos às ciências sociais e em especial à teoria de organização, que deveriam ser conduzidas por uma teoria do desenvolvimento humano (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006).

A abordagem antropológica proposta pelo sociólogo está fundamentada nos seguintes termos:

(1) que um entendimento sistemático da natureza humana ou das necessidades básicas do homem é uma condição *sine qua non* para uma crítica significativa dos sistemas sociais em níveis macro e micro; (2) que o desenho dos sistemas sociais em níveis macro e micro deve ter como fim último a realização das potencialidades humanas; (3) que o desenvolvimento do homem nunca tem fim; (4) que, do ponto de vista do desenvolvimento humano, a legitimidade de qualquer sistema social é sempre precária; (5) que qualquer sistema social é inviável, caso a sua funcionalidade requeira o sacrifício da criatividade humana; e (6) que se uma ciência do homem é possível, essa ciência, necessariamente, terá que transcender aos critérios normativos imanentes a qualquer sistema social existente (GUERREIRO RAMOS, 1971a, p. 9-10 apud AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006, p.10).

Portanto, para poder criticar e compreender o sistema social, visando a realização humana, é necessário entender a natureza humana, de modo que esta esteja no centro do



modelo de homem da sociedade futura. Nesta concepção de homem, o presente ensaio integra este modelo de Guerreiro Ramos à prática da sustentabilidade. Para elaborar seu modelo de homem das ciências sociais, o sociólogo Guerreiro Ramos partiu do estudo de diversos autores, unindo aquilo que julgou expressivo e que merecesse ser incorporado à sua proposição teórica. Ao estudar o modelo de homem proposto por autores tais como as condições patológicas do homem contemporâneo de Whyte, Presthus, Herbert Marcuse, Charles Reich, Guerreiro Ramos verificou que:

esses estudos indicavam um conjunto de considerações a respeito da condição humana, denunciando a impotência do homem contemporâneo para alcançar a realização pessoal nos típicos arranjos sociais da época, apontando, assim, para a urgente tarefa de se questionar os sistemas sociais e as organizações que configuravam a sociedade (AZEVEDO e ALBERNAZ, 2006, p. 12).

Eis então que, um novo modelo de homem seria necessário para atuar no contexto complexo social e das organizações, homem este que poderia exercer a redução sociológica e ser agente da sociedade em transformação, atuando a sustentabilidade. O homem parentético de Guerreiro Ramos é o modelo de homem proposto neste ensaio para atuar a sustentabilidade.

4 Considerações Finais

As discussões deste ensaio remetem a considerar a necessidade de um novo modelo de homem apto a pensar criticamente a sociedade atual e que possa atuar a sustentabilidade, atuar uma *nova ciência da organização*, modelo este já previsto pelo sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos na década de 1980.

A necessidade de recriar um novo *design* da sociedade e das organizações pode estar pautada no homem que sempre existiu, mas que esteve encoberto sob a racionalidade instrumental e valores de um sistema econômico vigente. A vida humana deve reencontrar-se nos valores humanistas e nas multidimensões do homem, “purificando-se” de valores mercadológicos e do homem unilateral do paradigma mecanicista.

A prática da sustentabilidade pode ser atuada pelo homem parentético, que vive o humanismo do homem integral, dotado das dimensões social e espiritual. Em meio ao sistema



tecnocrático e de valores de consumo, é necessário recuperar a dimensão espiritual do homem, dotado de suas capacidades integrais, consciente e crítico do mundo em que vive.

Um homem que questione o contexto no qual vive e convive, que coloque “entre parênteses” suas atitudes e pensamentos para ter capacidade de criticar de modo a abster-se interna e externamente de seu juízo, como observador externo e ao mesmo tempo atuante de transformação social.

Por meio da racionalidade substantiva, o homem de Guerreiro Ramos atua a redução sociológica de modo a compreender a sociedade e a organização que atua, agindo a liberdade. Livre da visão unidimensional do homem operacional, livre da imposição de vida mercantil, livre de ideologias de países-centro, enfim, um homem sem mitos. Um homem que resgate o potencial humano em sua dimensão espiritual, orientado a autorrealização, ao crescimento pessoal e ao desenvolvimento pleno é o modelo proposto neste ensaio para atuar a sustentabilidade.

Para que a racionalidade substantiva e o homem parentético sejam possíveis nas organizações é necessário que as práticas sejam repensadas, organizadas e desorganizadas no sentido de superar a lógica mercantilista vigente. Portanto, uma nova mentalidade e uma nova racionalidade são premissas à nova organização prevista por Guerreiro Ramos, e tão necessária na sociedade contemporânea.

Faz-se necessário nas discussões de sustentabilidade o foco de investigação no homem que atua a sustentabilidade, que pense a sociedade atual e os efeitos do modelo econômico para as gerações vindouras. E neste debate, a visão vanguardista sociológica, organizacional e de homem de Guerreiro Ramos pode contribuir para o futuro da sustentabilidade, que para este autor era já presente.

Para poder resolver problemas sociais e a condição da vida humana neste planeta, antes é necessário compreender tais problemáticas, e neste sentido a redução sociológica de Guerreiro Ramos e seu modelo de homem parentético podem contribuir profundamente ao cientista social que visa compreender o contexto atual e ser um agente humanista de transformação social.

Cabe aqui sugerir as contribuições da Escola Ontopsicológica na formação da atitude parentética, que por meio de sua metodologia, restitui à consciência as potencialidades integrais do homem, possibilitando o autoconhecimento e a construção do homem sem mitos, do homem ontológico, do homem atuante do humanismo perene e da sustentabilidade plena e



multidimensional. Dos modelos de homem das organizações de Guerreiro Ramos – o homem operacional, o homem reativo, o homem parentético – ao homem ontológico de Meneghetti (2002), que atua em base ao critério ético do humano, constitui-se um tema de investigação aprofundada da autora deste ensaio e de futuras pesquisas e publicações.

Referências

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

AZEVÊDO, A.; ALBERNAZ, R. A 'antropologia do guerreiro': a história do conceito de homem parentético. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n.3, out. 2006, pp. 1-19. Disponível em <<http://app.ebape.fgv.br/cadernosebape/arq/Ariston.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

CMMAD. COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DIAS, R. **Gestão Ambiental: Responsabilidade Social e Sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2006.

DURANTE, D. G., TEIXEIRA, E. B. Os limites e possibilidades de desenvolvimento humano nas teorias organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, v. 6, n. 11, Ijuí, 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/752/75211185005.pdf>>. Acessado em: 07 ago. 2011.

FERREIRA, Y. N. Metrôpole sustentável: não é uma questão urbana. **São Paulo Perspectiva [online]**, v. 14, n. 4, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9761.pdf>>. Acessado em: 22 jul. 2011.

GAUER, G., GOMES, W. B. Recordação autobiográfica: reconsiderando dados fenomenais e correlatos neurais. **Aletheia**, n. 27, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a04.pdf>>. Acessado em: 04 ago. 2011.

GUERREIRO RAMOS, A. Modelos de homem e teoria administrativa. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 3, FACAPE, 2001. Disponível em: <http://www.facape.br/controladoria/1/Modelo_de_homem_e_de_administracao.doc> <http://www.facape.br/controladoria/1/Modelo_de_homem_e_de_administracao.doc>. Acesso em: 10 set. 2011.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GUERREIRO RAMOS, A. **A Redução Sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JACOBI, P. Poder local, políticas sociais e sustentabilidade. **Saúde sociedade [online]**, volume 8, número 1, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v8n1/04.pdf>>. Acessado em: 20 jul. 2011.

MENEGHETTI, A. O Critério Ético do Humano. Porto Alegre: Ontopsicologica Ed, 2002.

RATTNER, H. Sustentabilidade - uma visão humanista. **Ambiente soc.**, n. 5, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a20.pdf>>. Acessado em: 20 jul. 2011.

SACHS, I.; **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. Organizado por P. F. Vieira. São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, P. F. Ecodesenvolvimento: do conceito à ação: de Estocolmo a Johannesburgo. In: SACHS, I. **Rumo à Ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2007.